

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - BACHARELADO**

SHIRLEY RAMOS

**BENEFÍCIOS PROMOVIDOS PELO ATLETISMO PARA OS ATLETAS
DA ASSOCIAÇÃO JUDECRI DE CRICIÚMA**

CRICIÚMA, DEZEMBRO DE 2011.

SHIRLEY RAMOS

**BENEFÍCIOS PROMOVIDOS PELO ATLETISMO PARA OS ATLETAS
DA ASSOCIAÇÃO JUDECRI DE CRICIÚMA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de graduação no curso de Educação Física - Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador (a): Prof. (ª) Maria Neiva Mezari Borges

CRICIÚMA, DEZEMBRO DE 2011.

SHIRLEY RAMOS

**BENEFÍCIOS PROMOVIDOS PELO ATLETISMO PARA OS ATLETAS DA
ASSOCIAÇÃO JUDECRI DE CRICIÚMA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de graduação, no Curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em: Saúde, meio ambiente e qualidade de vida.

Criciúma, 07 de Dezembro de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Esp. Maria Neiva Mezari Borges - (UNESC) – Orientadora

Profª. Msc. Elisa Stradiotto - (IPLA) - Examinadora

Prof. Esp. Jairo Bressan - (UNESC) - Examinadora

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer ao Senhor e ao Filho Dele.

A minha família que sempre me deu apoio, apesar do meu grande nervosismo. Foram pacientes e generosos até hoje.

Agradeço aos amigos e colegas do Curso de Educação Física da UNESC em especial a minha amiga e companheira desde o início da faculdade Silvana Magagnin, onde dividimos alegrias, trabalhos, conhecimentos, principalmente momentos de tribulações que ocorreram durante e fora do curso.

Ao meu amigo e vizinho Claudio Pacheco que me ajudou e apoiou, transmitindo e dividindo experiências durante a minha trajetória na faculdade e na vida cotidiana.

À Professora Neiva, que aceitou ser minha orientadora, estando sempre disponível a me ajudar a concluir este trabalho. Sou grata também aos participantes da banca por terem aceitado o convite.

Não posso deixar de agradecer aos professores pelo ensino e conhecimento que irei levar para a minha profissão e vida futura. Pelos funcionários, principalmente da coordenação do Curso, que contribuíram de alguma forma para concretização desta jornada.

Que o Senhor abençoe a todos e um grande abraço!

“... O Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens possam ser cumpridas.”

(O Livro de Mórmon)

RESUMO

O tema deste trabalho consiste em responder de forma descritiva a seguinte questão: Quais os benefícios que o atletismo promove aos atletas com deficiência física da Associação dos Deficientes Físicos de Criciúma? Para que obtivesse êxito no sentido de responder tal questão trilhou-se um caminho percorrido pela modalidade de atletismo desde seu início na pré-história, passando pelo berço do atletismo enquanto modalidade esportiva na antiga Grécia, chegando assim, nos tempos atuais, onde está inserida a modalidade de atletismo adaptado para as pessoas com deficiência física. Foi inserido histórico dos esportes adaptados desde seu início enquanto atividade terapêutica, causas e tipos de deficiências, a classificação funcional e as modalidades. Neste contexto, relata o início da organização das pessoas com deficiência física de Criciúma – JUDECRI, precursora do esporte adaptado em Santa Catarina, uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos, equivalendo-se de seus próprios benefícios. Atua desde 1981 na qual estão filiados os atletas alvos deste trabalho. Para esta atividade foram selecionados dez atletas que praticam a atividade de atletismo, quer seja de alto rendimento, quer seja apenas como atividade de integração. Para poder chegar a uma conclusão, submeteu aos entrevistados um questionário com perguntas abertas e fechadas. Se o atleta visualiza uma melhora na qualidade de vida em decorrência da prática desta modalidade, quais os benefícios que o esporte trás na vida desses profissionais. De acordo com López e Melo e outros autores ressaltam que objetivos as atividades físicas ou esportivas é de grande importância para pessoas com deficiência, atingindo tais fatores positivos, sejam elas física, mental, auditiva e individual. Juntamente com o questionário foi realizada uma pesquisa de campo, de caráter descritivo. O objetivo geral foi verificar o valor que a modalidade do atletismo tem em proporcionar a esses atletas; tanto físico, moral, social e cultural. A pesquisa finaliza com gráficos representando em percentuais as respostas aos quesitos para posterior análise.

Palavras-chave: Atletismo. Associação JUDECRI. Atletismo para os deficientes físicos. Benefícios do esporte.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: IDADE DOS ATLETAS. FONTE: RAMOS, 2011.....	37
FIGURA 2: ESCOLARIDADE DOS ATLETAS. FONTE: RAMOS, 2011.....	37
FIGURA 3: DE QUE FORMA SE DEU O PRIMEIRO CONTATO COM A MODALIDADE? FONTE: RAMOS, 2011.....	38
FIGURA 4: PRATICOU AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA? FONTE: RAMOS, 2011.....	39
FIGURA 5: QUAL SUA MAIOR DIFICULDADE PARA A PRÁTICA DA MODALIDADE? FONTE: RAMOS, 2011.....	39
FIGURA 6: EXISTEM PROFISSIONAIS QUALIFICADOS PARA ORIENTÁ-LO NESTA ATIVIDADE? FONTE: RAMOS, 2011.....	40
FIGURA 7: VOCÊ VÊ NO ESPORTE QUE PRÁTICA A CHANCE DE TER RENDA? FONTE: RAMOS, 2011.....	40
FIGURA 8: VOCÊ ACHA A MODALIDADE DE ATLETISMO DE FÁCIL ACESSO? FONTE: RAMOS, 2011.....	41
FIGURA 9: VOCÊ VISUALIZA O ESPORTE PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA COMO FERRAMENTA PARA A INCLUSÃO SOCIAL? FONTE: RAMOS, 2011.....	41
FIGURA 10: QUAL A SUA DEFICIÊNCIA: FOI ADQUIRIDA OU É CONGÊNITA? FONTE: RAMOS, 2011.....	42
FIGURA 11: O LOCAL DE TREINAMENTO E OS EQUIPAMENTOS UTILIZADOS SÃO ADEQUADOS A PRÁTICA DO PARADESPORTO? FONTE: RAMOS, 2011.....	43
FIGURA 12: O LOCAL DE TREINAMENTO E OS EQUIPAMENTOS UTILIZADOS SÃO ADEQUADOS A PRÁTICA DO PARADESPORTO? FONTE: RAMOS, 2011.....	43
FIGURA 13: QUAIS FORAM OS BENEFÍCIOS QUE O ESPORTE PROPORCIONOU A VOCÊ? FONTE: RAMOS, 2011.....	44

LISTA DE TABELAS E QUADROS

TABELA 1: PROVAS PARA ATLETAS COM DEFICIÊNCIAS VISUAIS	27
TABELA 2: PROVAS PARA ATLETAS COM DEFICIÊNCIA MENTAL	28
TABELA 3: PROVAS PARA ATLETAS COM PARALISIA CEREBRAL.....	28
TABELA 4: PROVAS PARA ATLETAS AMPUTADOS.....	28
TABELA 5: PROVAS PARA ATLETAS EM CADEIRAS DE RODAS	28
TABELA 6: PROVAS PARA DEFICIENTES VISUAIS	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAMD – Associação Americana de Deficiência Mental

ABDF – Associação Brasileira do Desporto para Deficientes Físicos

ABRADECAR – Associação Brasileira de Desporto em Cadeiras de Rodas

CBAT – Confederação Brasileira de Atletismo

CBD – Confederação Brasileira do Desporto

CPB – Comitê Paraolímpico Brasileiro

JUDECRI – Associação de Deficientes Físicos de Criciúma

SATC – Associação Beneficente da Indústria Carbonífera de Santa Catarina

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

WAFF – World Amputee Football Federation

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1	ATLETISMO	14
2.2	Atletismo no Brasil	17
3	ASSOCIAÇÃO JUDECRI.....	19
3.1	HISTÓRICO.....	19
4	DEFICIÊNCIA FÍSICA	20
4.1	HISTÓRICO E CONCEITO.....	20
4.2	PRINCIPAIS CAUSAS DA DEFICIÊNCIA FÍSICA	22
4.3	COMO IDENTIFICAR A DEFICIÊNCIA FÍSICA	22
4.3.1	Identificação	22
4.3.2	Exames Para Ter Um Diagnóstico Correto	23
5	ATLETISMO PARA DEFICIENTE FÍSICO	23
5.1	PROVAS ADAPTADAS DE CAMPO E DE PISTA.....	25
5.2	O BENEFÍCIO DO ESPORTE NA VIDA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA.....	29
5.3	O ESPORTE DE RENDIMENTO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	31
5.4	TIPOS DE DEFICIÊNCIAS INSERIDAS NESTE TRABALHO	33
6	METODOLOGIA.....	35
7	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	36
7.1	ENTREVISTA COM OS ATLETAS	36
8	CONCLUSÃO.....	45
	REFERÊNCIAS	47
	APÊNDICE	50

1 INTRODUÇÃO

Dizer que a prática de esportes é muito importante para as pessoas de todas as idades, todos nós já sabemos. Já está mais que comprovado que praticar esportes com regularidade traz inúmeros benefícios para a saúde física e mental dos praticantes, além de melhorar a qualidade de vida. Para as pessoas com deficiência, praticar esportes representa muito mais que saúde.

São vários os aspectos positivos. No aspecto físico o esporte melhora a condição cardiovascular dos praticantes, aprimora a força, a agilidade, a coordenação motora, o equilíbrio e o repertório motor.

No aspecto social, o esporte proporciona a oportunidade de socialização entre pessoas com e sem deficiências, além de torná-los mais independentes no seu dia a dia. Isso sem levar em conta a percepção que a sociedade passa a ter das pessoas com deficiência, acreditando nas suas inúmeras potencialidades.

No aspecto psicológico, o esporte melhora a autoconfiança e a autoestima, tornando-as mais otimistas e seguras para alcançarem seus objetivos.

“O esporte é muito importante para o sentimento de que tudo é possível dentro das minhas limitações e adaptações para execução daquilo que desejo fazer ou praticar”, explica Ademir Cruz de Almeida, presidente da ABDF (Associação Brasileira de Desportos para Deficientes Físicos) e da WAFF (World Amputee Football Federation, 2010).

A prática esportiva é além dos ganhos físicos, uma forma de interação social, de ultrapassar limites e conseqüente melhora da autoestima e posicionamento da pessoa com deficiência na sociedade.

É neste contexto que pretendemos aprofundar o estudo sobre os benefícios que o esporte traz para pessoas com deficiência física. Como no município de Criciúma existe uma entidade que trabalha a modalidade esportiva atletismo com esse público, a pesquisa será voltada para o grupo de atletas que frequenta essa entidade.

Propõe-se então realizar esta pesquisa sobre o tema: “**Benefícios promovidos pelo atletismo para os atletas da Associação Judecri de Criciúma**”, para identificar como esta modalidade vem sendo benéfica para os participantes das atividades esportiva nesta associação do município de Criciúma. A

importância deste trabalho está na oportunidade de aprofundarmos os conhecimentos teóricos e refletirmos sobre o desenvolvimento e efeitos físicos, psicológicos e sociais no qual a prática desta modalidade esportiva vem causando nos atletas desta entidade. Definiu-se para este estudo/pesquisa o seguinte **problema**: Quais os benefícios que a prática do atletismo proporcionou aos atletas da Associação Judecri de Criciúma?”

Para nortear o trabalho, estabeleceu-se como **objetivo geral**: Identificar as possibilidades de inserir as pessoas com deficiência física na modalidade de atletismo para a melhoria da qualidade de vida, da autoestima e da autonomia, ampliando seus horizontes e a busca por melhores resultados. Seguido de **objetivos específicos**: Identificar se houve melhoria na qualidade de vida; Verificar as dificuldades para a prática do esporte; Identificar quais os benefícios que a prática do esporte especialmente o atletismo proporcionou para eles; Saber se a prática do atletismo facilitou a inclusão dos participantes ao meio social; Conhecer as alternativas mais significativas que possibilitam melhores benefícios através da prática na modalidade do atletismo aos atletas da JUDECRI.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ATLETISMO

O atletismo, palavra de origem grega *Aethlos*, que significa esforço, acompanha o homem desde tempos ancestrais incluindo uma série de desafios atléticos.

“O atletismo é considerado um esporte de base, pois sua prática reflete os movimentos essenciais do ser humano nas seguintes especialidades: caminhar, correr, saltar e arremessar que são práticas que estão inseridas dentro de nossos hábitos.” (GALLAHUE e OZMUN, 2000 apud ALMEIDA et al, 2004, p.1).

Considerado o esporte-base, por testar características básicas do homem, o atletismo não se limita somente à resistência física, mas integra essa resistência à habilidade física. Comporta três tipos de provas, disputadas individualmente que são as corridas, os saltos e os lançamentos. Conforme as regras de cada jogo, as competições realizadas em equipes somam pontos que seus membros obtêm em cada uma das modalidades.

As corridas rasas de velocidade e revezamento são antigas. As corridas com obstáculos, que podem ser naturais ou artificiais, juntamente com as corridas de “sabe”, que os ingleses chamam de “steeple chass”, foram idealizadas tendo como modelo as corridas de cavalos. A maratona, a mais famosa das corridas de resistência, baseia-se na legendária façanha de um soldado grego que em 490 A.C. correu o campo de batalha das planícies de Maratona até Atenas, numa distância superior a 35 km, para anunciar a vitória dos gregos sobre os persas. Uma vez cumprida a missão, caiu morto (CAMARGO, SILVA, 1978.p 12).

O atletismo é uma modalidade desportiva cujas origens remontam à antiguidade grega e aos primeiros Jogos Olímpicos. Pode dizer-se que é a forma mais antiga de organização desportiva. (CAMARGO, SILVA, 1978).

Os Jogos Olímpicos da Antiguidade eram realizados em um dia, com as variações de modalidades de competição, passaram há cinco dias. As competições aconteciam a cada quatro anos. O povo grego era motivado para a realização do grandioso espetáculo. O evento era de tão grande importância que os vencedores

eram contribuídos por pensões vitalícias e ficavam isentos de qualquer tributo. Muralhas de uma cidade foram derrubadas em virtude de um campeão olímpico ter passagem triunfal. (CAMARGO, SILVA.1978).

As guerras eram freqüentes entre as cidades gregas, sendo interrompidas no período da realização dos Jogos Olímpicos. Observar-se que a importância de uma guerra, com suas conquistas estratégicas, renunciavam a essas vantagens, somente para permitir uma celebração pacífica. (CAMARGO, SILVA. 1978).

Infelizmente os jogos foram se desvirtuando, as cidades que mantinham um vínculo nas competições eram atacadas por outras cidades ou tribos que se reuniam para tal fim. A cidade de Píza foi um grande exemplo, por seu exército grandioso atacou fortemente os elioses - Élide, província do Peloponeso. Após longas batalhas, finalmente os exércitos de Píza foram derrotados, sua cidade reduzida a escombros e seu povo escravizado (CAMARGO, SILVA. 1978).

Os elioses que possuíam a supremacia olímpica passaram a dominadores de cidades que possuíam a hegemonia nestas competições, alterando profundamente o ideal helênico dos Jogos. (CAMARGO, SILVA.1978).

Com o passar dos anos e com o domínio romano é que o desvirtuamento se tornou tão grande que os Jogos foram abolidos.

Os jogos só foram restaurados nos anos 776 a. C. Depois voltaram a ser suspensos novamente no ano 394 de nossa era, quando já haviam realizados 293 olimpíadas. (CAMARGO, SILVA. 1978)

Com muita luta do francês Pierre de Fred, Barão de Coubertin, conseguiu, através de uma reunião com a participação de 15 nações, restaurarem os Jogos Olímpicos. O reinício dos Jogos foi realizado no Estádio de Atenas na Grécia. A proposta também tinha fins pedagógicos. "... Formar o caráter dos jovens pela prática esportiva, despertando-lhes o senso de disciplina, o domínio de si mesmo, o espírito de equipe e a disposição de competir". (CAMARGO, SILVA. 1978)

O primeiro programa olímpico de atletismo compreendia corridas de 100, 400, 800 e 1.500m, e mais a de 110m com barreiras, saltos em distância, altura, tripla e com vara, lançamentos de peso e disco. Uma prova especial a maratona, foi organizada para os corredores de fundo, por sugestões do linguista e helenista francês Michel Bréal. Pretendia-se com ela, recordar a façanha de Fidípdes (gr. Pheidippídes), soldado ateniense que correu da cidade de Maratona, perto de Ática, até Atenas, para anunciar aos gregos a vitória de Milcíades sobre os persas

em 490 a.C. A maratona olímpica – que acabou convertendo-se numa das provas clássicas dos jogos olímpicos modernos – foi corrida num percurso de 42 km, aproximadamente a mesma distância cumprida por Fidípedes. Seu primeiro vencedor foi o grego Louís Spýros, modesto fabricante que vivia em Marusi. (CAMARGO, SILVA. 1978).

O programa original do atletismo olímpico, aberto apenas a competidores do sexo masculino, foi sendo sucessivamente modificado. Em 1900, introduziram-se as provas de 400m com barreiras, de 2.500m de steeplechase e de lançamento do martelo. Das modalidades clássicas, as últimas a figurarem nos modernos jogos olímpicos foram o lançamento do dardo, só disputado oficialmente em 1908, e pentatlo, em 1912. Neste ano realizaram-se também, o primeiro decatlo (dez provas por um mesmo atleta) e os revezamentos de 4×100 e 4×400 metros. (GONÇALVES, 2007).

As mulheres só começaram a participar regularmente dos jogos olímpicos em 1928, cumprindo um programa de 100, 800 e 4×100 metros, o salto em altura e o lançamento do disco. Até 1948, outros acréscimos e supressões foram feitos tanto no programa masculino como no feminino. De 1948, quando o número de provas para mulheres aumentou consideravelmente, a 1956, ano em que disputou a primeira marcha de 20 km (a de 50 km já fora introduzida em 1932) o programa oficial sofreu suas últimas alterações. (GONÇALVES, 2007).

As provas de corrida disputadas no âmbito dos Jogos Olímpicos dividem-se em três grupos: provas de velocidade, das quais fazem parte as distâncias de 100, 110, 200 e 400 m, e as provas de meio-fundo e fundo, compreendendo os 800, os 1500, os 5000 e os 10 000 m, os 3000 m com e sem obstáculos, a meia-maratona e a maratona, uma longa corrida realizada em estádio e estrada. As corridas com barreiras efetuam-se em 110, 200 e 400 m para homens, e 100 e 400m para mulheres. (MULLER, RITZDORF, 2002).

As provas de saltos incluem o salto em altura, o salto em distância, o triplo salto e o salto com vara. (MULLER, RITZDORF, 2002).

Os lançamentos dividem-se em lançamento de dardo, de disco, de martelo e arremesso de peso. Existe ainda o decatlo, especialidade que abarca um conjunto de dez modalidades atléticas, o heptatlo (masculino), o pentatlo (feminino), compreendendo provas de corrida, lançamento e salto. (MULLER, RITZDORF, 2002).

A partir desse período, começou a evolução esportiva mundial, principalmente no Atletismo, com estudos de técnicas, conhecimento e aprimoramento dos treinos, melhorias e manutenção das áreas de atletismo.

2.2 Atletismo no Brasil

Ingleses e alemães radicados no Brasil foram os pioneiros do esporte organizado no país, o atletismo foi praticado de forma empírica e descontínua, não obedecendo muito às normas traçadas na Inglaterra. (CBAAt – CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO 2003).

Esporte de pouca popularidade no país, o atletismo tem esbarrado em muitos obstáculos para que se possa ter, em curto prazo, uma equipe brasileira de relevo no plano internacional. Alguns desses obstáculos são a falta de campos e pistas adequados, em especial no interior; o pouco preparo especializado de técnicos e treinadores; o regime imposto ao atleta, em geral amador sem condições de se dedicar em tempo integral aos exercícios; a falta de orientação nas escolas e universidades, onde nascem os grandes campeões de outros países; o reduzido apoio financeiro dos órgãos oficiais; a cobertura relativamente fria que a imprensa dá às competições amadoristas, que se concentram quase só no futebol, e a própria estrutura socioeconômica do país, que impossibilita a formação de bons atletas e, em consequência disso, a falta de interesse do público pelo esporte. O primeiro órgão a controlar o atletismo internacional, foi o próprio Comitê Olímpico Internacional, que elaborou e supervisionou todas as provas, tanto atléticas como de outros esportes, por ocasião dos jogos olímpicos de 1986. (CBAAt – 2003).

Em 1910 foram registradas as primeiras competições de atletismo no Brasil. Nesta época o esporte estava sob a responsabilidade o atletismo era controlado pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), filiada à Federação Internacional de Atletismo Amador (IAAF). Atualmente com sede em Mônaco, fundada em 1912, tendo responsabilidade sobre o esporte em todo o mundo, Compete-lhe regulamentar o esporte no país e organizar as competições de caráter nacional sejam o campeonato brasileiro, entre seleções estaduais, e o troféu Brasil, entre clubes. No âmbito regional, o atletismo brasileiro é dirigido por federações que organizam os seus próprios campeonatos. (CBAAt – 2003.)

Quando a Confederação Brasileira de atletismo (CBAt) foi fundada no Rio de Janeiro, o atletismo separou oficialmente da CBD, a 02 de Dezembro de 1977, por motivos burocráticos. A CBAt passou a funcionar, efetivamente no dia 1º de Janeiro de 1979. A entidade manteve-se no Rio de Janeiro até 1994, depois a sede foi transferida para Manaus.

A primeira competição de caráter nacional no país foi o Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais em 1929. A principal competição do calendário da Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt) foi em 1945, Troféu Brasil de Atletismo. Desde 1986, os atletas vencedores de suas respectivas provas foram considerados “Campeões Brasileiros de Atletismo”. (CBAt, 2003).

Em 2001 a alteração do significado da sigla IAAF. De International Amateur Athletic Federation (Federação Internacional de Atletismo Amador), passou a ser definida como International Association of Athletics Federations (Associação Internacional das Federações de Atletismo). (MATTHIESEN, 2007. p.11).

Os investimentos em esporte têm aumentado na última década, em parte impulsionada pela indústria do esporte e pela participação de grandes corporações, como bancos, difundindo sua marca através dos atletas. O governo brasileiro também tem incentivado este aumento do investimento no esporte através da bolsa-atleta. Contudo, quando se trata de paratletas os investimentos ainda são bastante reduzidos. (CBAt, 2003).

O atletismo no espaço sócio-cultural do Brasil tende a aceitar a tese que as modalidades esportivas de maior interesse nacional são coletivas, e tem como implemento a ação a bola. Comprovando que a grande maioria dos brasileiros tem uma problemática de natureza mais cultural que social mais educacional que econômica. Consiste, antes de tudo, que o povo brasileiro não reconhece o esporte – por extensão o atletismo – como valor cultural, na medida em que entende cultura como expressão do intelecto e esporte como jogo de bola. (KIRSCH, 1983).

A educação esportiva a função social de aperfeiçoar a cultura física, por meio da intervenção curricular, uma proposta curricular, uma proposta didática transformativa para a situação do atletismo no Brasil precisa, forçosamente, levar em conta e partir dos aspectos culturais, que pretende modificar. Ela deve ser capaz de mostrar-se interessante, de criar ao seu redor uma atmosfera motivadora e favorável, de ter versatilidade em grau suficiente para indicar aos brasileiros novos

caminhos e valores, dentro do esporte, sem desmerecer suas expectativas. (KIRSCH, 1983)

É de imensa importância pedagógica colocar a iniciação ao atletismo perspectiva sócio-cultural, pois o conteúdo didático permaneceria à realidade social e aos valores procurados pelo brasileiro nas atividades esportivas.

3 ASSOCIAÇÃO JUDECRI

3.1 HISTÓRICO

Associação dos Deficientes Físicos de Criciúma - Judecri é uma associação filantrópica, sem fins lucrativos e que visa inserir a pessoa com deficiência física na comunidade, utilizando-se para tanto de diversas ferramentas, dentre as quais: lazer, esporte e cultura, além de atuar na defesa de direitos alertando não somente sobre os direitos, como também de todos os deveres das pessoas com deficiência física em relação à vida em sociedade. Ajuda na compreensão e aceitação da deficiência e a integrar-se de forma justa e coerente ao convívio social. Equivalendo-se de seus benefícios próprios para se manter a Judecri atua desde junho de 1981, na comunidade e conta algumas vezes com ajuda de poderes privados e públicos. A associação conta hoje com sessenta membros que interagem todos os sábados a partir das 14:00 hs, através de espaço de convivência, debates, troca de experiências, palestras na sede da Judecri, que fica instalada em uma sala cedida pela prefeitura no centro da cidade de Criciúma, no antigo prédio do poder público municipal.

Os treinamentos de handebol adaptado em cadeiras de rodas são realizados na SATC todas as segundas-feiras. Já os treinamentos de atletismo são realizados no campo atlético da UNESC, todos os dias pela manhã.

Para a prática do tênis de mesa é utilizado o Centro de Eventos José Ijair Conte é realizado três vezes por semana. O treinamento de xadrez é praticado na sede da associação duas vezes por semana.

4 DEFICIÊNCIA FÍSICA

4.1 HISTÓRICO E CONCEITO

Pessoa portadora de deficiência ou pessoa com deficiência? Esta é uma questão que ainda gera muito questionamento entorno do assunto deficiência. Termos como aleijado, inválido, incapacitado, defeituoso, desvalido (Constituição de 1934), excepcional (Constituição de 1937 e Emenda Constitucional n. 1 de 1969) e pessoa deficiente (Emenda Constitucional 12/78) foram e infelizmente ainda são usadas para designar a pessoa com deficiência. Essas terminologias foram sendo alteradas por exigência e pressão constante dos movimentos sociais.

Deficiência é todo e qualquer comprometimento que afeta a integridade da pessoa e traz prejuízos na sua locomoção, na coordenação de movimentos, na fala, na compreensão de informações, na orientação espacial ou na percepção e contato com as outras pessoas. Na resolução nº30/84 de 1975 da Organização das Nações Unidas (ONU), introduziu o termo “pessoa portadora de deficiência”, para designar as pessoas que não estivessem enquadradas no estereótipo de normalidade. No conceito de deficiência mostra que está interligado ao conceito de incapacidade. Esta forma de tratamento passava a idéia de que a pessoa com deficiência trazia algo consigo, mas a deficiência é sim algo que faz parte da pessoa. (GUGEL, 2006).

“Continua em sua essência o preconceito de que se tratavam de pessoas sem qualquer valor, socialmente inúteis e dispensáveis do cotidiano social e produtivo. A principal preocupação do estado, refletida na consciência da sociedade, era o amparo por comiseração e assistência como proteção dessas pessoas, reunidas em grupos de iguais apartados do contexto comum e institucionalizados.” (GUGEL, 2006. pág. 25).

Em nosso país, a Constituição de 1934 no art. 138, letra “a” utilizava o termo ‘desvalido’; já a Carta Magna de 1937, 1946, não fazem referência a pessoa com deficiência. Em 1967, a Constituição também não faz alguma referência a pessoa com deficiência, sendo que a Emenda Constitucional nº 1 de 1969 é que traz o termo “excepcional”. Já no ano de 1978, na Emenda Constitucional nº 12, foi

utilizado o termo deficiente e somente na Constituição da República federativa do Brasil de 1988, passou a ser utilizado o termo “Pessoa Portadora de Deficiência”.

Em busca de um termo mais correto e adequado, no ano de 2004, em Brasília, foi realizada a Conferência Nacional Dos Direitos Humanos, após um longo debate a conclusão de que o termo politicamente correto seria “pessoa com deficiência”, apesar da Constituição Federal de 1998 utilizar o termo pessoa portadora de deficiência. Sendo que se faz o esclarecimento para não utilização do termo “pessoa com necessidade especial”. Tal termo deriva da área de educação e abrange não só as pessoas com deficiência, mas também, obesos, idosos, autistas, superdotados e outros que diferem do ser humano considerado “padrão”.

É importante ressaltar que se comete erro utilizar o termo de deficiência física para adequar qualquer tipo de deficiência. Genericamente, as deficiências estão dispostas no Decreto de uma designação que busca aproximar-se ao máximo da realidade da deficiência; inclusive, os termos são aceitos pelos movimentos sociais. (GUGEL, 2006).

Observa-se no Decreto 3298/99, inciso I art. 4º o que vem a ser deficiência física isto é, a designação da pessoa que apresenta deficiência nos membros superiores e inferiores:

“I - deficiência física – alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, hemiplegia, hemiparesia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para desempenho de funções.” (Decreto nº 5.296, de 2004).

Atualmente, pode-se dizer que o termo correto a ser utilizado é “pessoa com deficiência”, pois não podendo ser separada da pessoa, a deficiência faz parte do ser, enquanto que “Portador” dá a idéia de que a pessoa carrega algo consigo que não faz parte dela própria. (GUGEL, 2006).

4.2 PRINCIPAIS CAUSAS DA DEFICIÊNCIA FÍSICA

As causas são diversas, podendo estar ligadas a problemas genéticos, complicações na gestação ou gravidez, doenças infantis e acidentes. (CRESTANI, 2010. p. 6)

Causas pré-natais: problemas durante a gestação (remédios tomados pela mãe, tentativas de aborto malsucedidas, perdas de sangue durante a gestação, crises maternas de hipertensão, problemas genéticos e outras);

Causas perinatais: problema respiratório na hora do nascimento, prematuridade, bebê que entra em sofrimento na hora do nascimento por ter passado da hora, cordão umbilical enrolado no pescoço e outras;

Causas pós natais: parada cardíaca, infecção hospitalar, meningite ou outra doença infecto-contagiosa ou quando o sangue do bebê não combina com o da mãe (se esta for Rh negativo), traumatismo craniano ocasionado por uma queda muito forte e outras.

No caso de jovens e adultos, a deficiência física pode ocorrer após uma lesão medular, aneurisma, acidente vascular cerebral ou outros problemas.

Uma das doenças que já foi à maior causa de deficiência física no Brasil é a paralisia infantil poliomielite, que atualmente está erradicada, graças às campanhas de vacinação e à tomada de consciência dos pais, que compreenderam a importância desta vacina. Há, contudo, a ocorrência da síndrome do pós-pólio, que deve ser observada com atenção. (CRESTANI, 2010).

4.3 COMO IDENTIFICAR A DEFICIÊNCIA FÍSICA

Conforme Crestani (2006), a deficiência física pode ser observada em diversas situações.

4.3.1 Identificação

- Observação quanto ao atraso no desenvolvimento neuropsicomotor do bebê (não firmar a cabeça, não sentar, não falar, no tempo esperado).
- Atenção para perda ou alterações dos movimentos, da força muscular ou da sensibilidade para membros superiores ou membros inferiores.
- Identificação de erros inatos do metabolismo.

- Identificação de doenças infecto-contagiosas e crônico-degenerativas.
- Controle de gestação de alto-risco.
- A Identificação precoce pela família seguida de exame clínico especializado favorece a prevenção primária e secundária e o agravamento do quadro de incapacidade. (CRESTANI, 2010).

4.3.2 Exames Para Ter Um Diagnóstico Correto

- Barositometria (Lesados Medulares)
- Avaliações Complementares por Especialidades Afins
- Avaliação Isocinética
- Eletroneuromiografia
- Potencial Evocado
- Urodinâmica
- Ergoespirometria
- Baropodometria
- Avaliação Clínica Fisiátrica
- Teste de Propriocepção - Reactor
- Avaliações Complementares por Equipe Multiprofissional
- Laboratório de Análise Tridimensional do Movimento. (CRESTANI, 2010).

5 ATLETISMO PARA DEFICIENTE FÍSICO

O esporte adaptado para deficientes começou a ser praticado na primeira década do século XX primeiramente para pessoas com deficiências auditivas. Na década de 1920, o atletismo para deficientes começou a ser praticado por pessoas de deficiências visuais. Depois da Segunda Guerra Mundial, que mutilou vários soldados, houve o aumento da prática dos esportes para as pessoas com deficiências físicas. Em 1944, o neurologista e neurocirurgião alemão Sir Ludwig Guttmann acreditava que a influência do esporte pode proporcionar na vida de um deficiente, pois diminuiriam problemas depressivos, a baixa estima e o sedentarismo.

Guttman (1977) define motivação como “o conjunto de fatores que promovem ou aumentam a disposição para determinados modos de comportamento”. A superação, compreensão da interiorização de um autoconceito de incapacidade poderia ser atingida no desporto pela aplicação prática de conhecimentos teóricos e técnicas de motivação. (SOUZA, 1994. P.37).

A intenção do médico era a de introduzir atividade esportiva como um incentivo à reabilitação dos deficientes, mostrando que todas as pessoas com algum tipo de deficiência poderiam praticar atividades esportivas (ROSADAS, 1989).

Dr. Guttman conseguiu realizar um evento para deficientes físicos, semelhante a uma olimpíada. Em 1960, na cidade de Roma, foram realizados pela primeira vez os Jogos Para-olímpicos, na cidade de Roma – Itália, que desde então são sempre disputados alguns dias depois dos Jogos Olímpicos de Verão. A palavra PARA (olimpíadas) não tem a conotação de Paraplégico, mas sim de Paralelo as Olimpíadas, pois os jogos são realizados duas semanas após as Olimpíadas e no mesmo país, sendo utilizadas as mesmas instalações desportivas, com as necessárias adaptações. (GORGATTI, COSTA, 2008).

Segundo Gallahue e Ozmun “é preciso pensar o Homem como um ser que sofre influências diversas e complexas do meio”. Esta lógica ajuda na construção de uma intervenção pedagógica baseada na diversidade. “As respostas ocorrem de modo à sempre adequar o sujeito da melhor maneira na busca de sua autonomia seja ela biológica, psicológica, física ou social” (2000 apud ALMEIDA et al, 2004, p. 1).

Na modalidade do atletismo participam atletas com deficiência física em provas masculinas e femininas, que têm especificidades de acordo com a deficiência dos competidores e se dividem em corridas, saltos, lançamentos e arremessos.

No Brasil o esporte adaptado requer um amplo investimento em recursos tecnológicos, financeiros, e também uma mudança na população em geral, sabendo-se que atividade física promove benefícios a saúde e boa qualidade de vida – aspectos físicos e sociais. (BRAZUNA; CASTRO, 2001).

As rotinas que envolvem a parte de treinamento físico e técnico os condicionam para as exigências dos jogos estaduais, nacional e internacional inclusive com oportunidade de se profissionalizarem além de ganhar medalhas.

O esporte manifesta-se de diferentes formas: o conhecido como de alto rendimento é aquele em que o atleta treina intensamente para as competições com o único objetivo, melhorar sua marca. (BRAZUNA; CASTRO, 2001).

Temos também a prática esportiva como processo de aprendizagem, tal como a educação física escolar, em que o objetivo não está ligado aos resultados em si, mas sim na interação e na integração. Para os indivíduos com deficiência nos membros inferiores que podem ficar em pé, as provas de arremesso são realizadas com regras idênticas as competições convencionais, alterando apenas o peso dos implementos de acordo com a classe. (BRAZUNA; CASTRO, 2001).

Já para os atletas sem condições de fazer as provas de forma convencional, além da alteração do peso do implemento existe a possibilidade de adaptações, ou seja, estes fazem as provas sentados em bancos especiais, inclusive dependendo da lesão estes devem estar amarrados para sua própria segurança. Nas provas de pista o atleta que não tem condições de fazer as provas em pé, estes utilizam cadeiras de rodas especiais. (Moreira, Rabelo, Paula, Cotta, 2007).

Atletas com deficiência física, de ambos os sexos, podem praticar a modalidade. As competições seguem as regras da Federação Internacional de Atletismo (IAAF), com algumas adaptações como o uso de próteses, cadeira de rodas para corridas e bancos para lançamento e arremessos, sendo que cada atleta recebe uma classificação funcional de acordo com sua deficiência e a prova na qual irá competir, para que não haja vantagem em relação aos seus adversários. No Brasil, a modalidade é administrada pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro.

5.1 PROVAS ADAPTADAS DE CAMPO E DE PISTA.

Como foi dito anteriormente, o processo de classificação para pessoas com deficiência física foi desenvolvido na Inglaterra em 1944 por meio de médicos e especialistas em área de reabilitação. Com decorrer da trajetória, números de atletas foram aumentando. Para melhora no empenho destes, muitas modificações têm sido feitas, surgindo avanços tecnológicos em função para aprimorar o esporte de alto

rendimento para deficientes. Atualmente a classificação utilizada no esporte adaptado consiste em um sistema de classificação eficiente e é pré-requisito para uma competição equiparada. (CPB – COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO).

As competições reconhecidas pelo Comitê Olímpico Paraolímpico Internacional se classificam em cinco categorias: Paralisados cerebrais, deficientes visuais, cadeiras de rodas, amputados e lês autres (outras lesões). No Brasil em 1984, o método de classificação funcional foi usado pela primeira vez em um campeonato de basquete de rodas ABRADecAR – Associação Brasileira de Desporto em Cadeiras de Rodas. Outras modalidades como atletismo tiveram propostas de mudanças. (CPB – COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO).

Atletas com deficiência física e visual, de ambos os sexos, podem praticar a modalidade. As provas são de acordo com a deficiência dos competidores, divididas entre corridas, saltos, lançamentos e arremessos. Nas provas de pista (corridas), dependendo do grau de deficiência visual do atleta, ele pode ser acompanhado por um atleta-guia, que corre ao seu lado ligado por uma cordinha. Ele tem a função de direcionar o atleta, mas não deve puxá-lo, sob pena de desclassificação. As competições seguem as regras da Federação Internacional de Atletismo (IAAF), com algumas adaptações para o uso de próteses, cadeira de rodas ou guia, mas sem oferecer vantagem em relação aos seus adversários. No Brasil, a modalidade é administrada pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro. (BRAZUNA; CASTRO, 2001).

De acordo com o Comitê Paraolímpico do Brasil (CPB), a equipe de classificação é composta por três profissionais da área da saúde: Fisioterapeuta, médico e profissional de Educação Física, sendo classificados em três estágios: funcional, médico e técnico. (CBP – COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO).

Classificação

Para provas de campo: Arremesso, lançamentos e saltos.

F – Field (campo)

F11 a F13 – deficientes visuais

F20 – deficientes mentais

F31 a F38 – paralisados cerebrais (31 a 34 -cadeirantes e 35 a 38 - ambulantes)

F40 - anões

F41 a F46 – amputados e Les autres (outras lesões)

F51 a F58 – Competem em cadeiras (seqüelas de Poliomielite, lesões medulares e amputações)

Para provas de pista: corridas de velocidade e fundo

T – track (pista)

T11 a T13 – deficientes visuais

T20 – deficientes mentais

T31 a T38 – paralisados cerebrais (31 a 34 -cadeirantes e 35 a 38 - ambulantes)

T41 a T46 – amputados e les autres

T51 a T54 – Competem em cadeiras (seqüelas de Poliomielite, lesões medulares e amputações)

Obs: A classificação é a mesma para ambos os sexos. Entretanto, os pesos dos implementos utilizados no arremesso de peso e nos lançamentos de dardo e disco variam de acordo com a classe do participante. Quanto menor o número da classificação, maior o grau de deficiência do atleta. (CPB).

PROVAS DE ARREMESSO/LANÇAMENTO (Homens) PESOS DOS IMPLEMENTOS

Tabela 1: Provas para atletas com deficiências visuais

Classe	PESO	DISCO	DARDO
F11	7,26Kg	2,00Kg	800gr.
F12	7,26Kg	2,00Kg	800gr.
F13	7,26Kg	2,00Kg	800gr.

Fonte: CPB (Comitê Paraolímpico Brasileiro)

Tabela 2: Provas para atletas com deficiência mental

Classe	PESO	DISCO	DARDO
F20	7,26Kg	2,00Kg	800gr.

Fonte: CPB (Comitê Paraolímpico Brasileiro)

Tabela 3: Provas para atletas com paralisia cerebral

Classe	PESO	DISCO	DARDO	CLUB
F32	2,00Kg	1,00 Kg	600 gr.	
F33	3,00Kg	1,00 Kg	600 gr.	
F34	4,00Kg	1,00 Kg	600 gr.	
F35	4,00Kg	1,00 Kg	600 gr.	
F36	4,00Kg	1,00 Kg	600 gr.	
F37	5,00Kg	1,00 Kg	600 gr.	
F38	5,00Kg	1,00 Kg	600 gr.	
F39	6,00Kg	1,00 Kg	600 gr.	

Fonte: CPB (Comitê Paraolímpico Brasileiro)

Tabela 4: Provas para atletas amputados

Classe	PESO	DISCO	DARDO
F40	4,00Kg	1,00Kg	600gr.
F41	6,00Kg	1,00Kg	800gr.
F42	6,00Kg	1,00Kg	800gr.
F43	6,00Kg	1,00Kg	800gr.
F44	6,00Kg	1,00Kg	800gr.
F45	6,00Kg	1,00Kg	800gr.

Fonte: CPB (Comitê Paraolímpico Brasileiro)

Tabela 5: Provas para atletas em cadeiras de rodas

Classe	PESO	DISCO	DARDO	MAÇA
F51	2,00Kg	1,00Kg	600gr.	397gr.
F52	2,00Kg	1,00Kg	600gr.	
F53	3,00Kg	1,00Kg	600gr.	
F54	4,00Kg	1,00Kg	600gr.	
F55	4,00Kg	1,00Kg	600gr.	
F56	4,00Kg	1,00Kg	600gr.	
F57	4,00Kg	1,00Kg	600gr.	
F58	4,00Kg	1,00Kg	600gr.	

Fonte: CPB (Comitê Paraolímpico Brasileiro)

PROVAS DE ARREMESSO/LANÇAMENTO (Mulheres)
PESO DOS IMPLEMENTOS

Tabela 6: Provas para deficientes visuais

Classe	PESO	DISCO	DARDO
F11	4,00Kg	1,00Kg	600 gr.
F12	4,00Kg	1,00Kg	600 gr.
F13	4,00Kg	1,00Kg	600 gr.

Fonte: CPB (Comitê Paraolímpico Brasileiro)

5.2 O BENEFÍCIO DO ESPORTE NA VIDA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA

A pessoa com deficiência física tem poucas oportunidades de se movimentar, jogar ou praticar esportes, quer seja em uma escola ou fora dela.

A atividade física e/ou esportiva para pessoas com deficiência, significa a oportunidade de testar suas possibilidades, prevenir contra deficiências secundárias e promover a integração do indivíduo: consigo mesmo e com a sociedade. (LÓPEZ; MELO, 2002).

O esporte funciona como um veículo para a inclusão da pessoa com deficiência na sociedade. Nos aspectos físicos e motores, o esporte melhora a condição cardiovascular dos praticantes, aprimora a força, a agilidade, a coordenação motora e o equilíbrio. No aspecto social, o esporte proporciona a oportunidade de socialização de pessoas com e sem deficiências, torna o indivíduo mais independente para a realização de suas atividades diárias e faz com que a sociedade conheça melhor as potencialidades dessas pessoas. No aspecto psicológico, o esporte melhora a autoconfiança e a auto-estima das pessoas com deficiência, tornando-as mais otimistas e seguras para alcançarem seus objetivos.

“Praticar esporte é uma forma que as pessoas com deficiência dispõem para redescobrir a vida de uma forma ampla e global. Previne as enfermidades secundárias à deficiência e ainda promove a integração social, levando o indivíduo a descobrir que é possível, apesar das limitações físicas, terem uma vida normal e saudável. “(LÓPEZ; MELO, 2002).

Abraçar uma atividade física pode transformar o dia-a-dia de uma pessoa com deficiência e ainda fazer bem para a saúde do corpo e da mente.

Movimentar-se é a palavra de ordem. Não importa se a pessoa tem como objetivo uma atividade profissional ou de forma amadora. O importante é procurar uma modalidade esportiva que atenda as necessidades e respeite a sua capacidade.

"UNESCO estabelece que a prática da educação física é um direito de todos e que programas devem dar prioridade aos grupos menos favorecidos no seio da sociedade (Carta Internacional de Educação Física e Desporto, 1978)."

Observa-se que a UNESCO tem uma certa preocupação em dar ênfase à boa qualidade de vida, através da prática desportiva, inclusive prioriza tais atividades as pessoas menos abastadas, ou seja, a maioria da população. Neste sentido aponta López:

"A escolha de um esporte depende em grande parte das oportunidades oferecidas da condição econômica para a seleção de determinado esporte, da aptidão da criança ou da falta de condição do próprio deficiente tendo em vista o grau de sua deficiência. (LÓPEZ; MELO, 2002).

Os esportes em quase sua totalidade podem ser praticados pelos deficientes considerando o seu grau de deficiência e suas dificuldades e devido a estas são feitas algumas modificações de regras e adequações que facilitam a prática promovendo a participação de um maior número de deficientes. (LÓPEZ; MELO, 2002).

O deficiente traz consigo uma série de "nãos", que lhe são impostos no dia a dia. Ficam neles retidas as capacidades de pensar, sentir e agir. É preciso dar a esse deficiente, oportunidade de desenvolver suas capacidades criativas e espontâneas. (LÓPEZ; MELO, 2002).

Praticar atividade física tanto por competitividade quanto por diversão pode trazer ao indivíduo benefícios físicos e psicológicos.

De acordo com López e Melo (2002) diversos autores como Guttman (1976), Seaman (1982), Lianza (1985), Sherrill (1986), Rosadas (1989), Souza (1994), Schutz (1994), ressaltam que os objetivos estabelecidos para as atividades físicas ou esportivas para pessoas com deficiência, sejam esta física mental, auditiva ou individual devem considerar e respeitar as limitações e potencialidades individuais do aluno, adequando as atividades propostas a tais fatores, para atingir objetivos, tais como:

Físicos:

Agilidade, equilíbrio, força muscular, coordenação motora, resistência física, melhora das condições organo-funcional (aparelhos circulatório, respiratório, digestório, reprodutor e excretor), velocidade, ritmo, possibilidade de acesso à prática do esporte como lazer, reabilitação e competição, prevenção de deficiências secundárias, promoção e encorajamento do movimento, desenvolvimento de habilidades motoras e funcionais para melhor realização das atividades de vida diária, entre outros. (LÓPEZ; MELO, 2002)

Psíquicos:

Melhora da auto-estima, aumenta a integração social, redução da agressividade, estímulo à independência e autonomia, experiência com as possibilidades, potencialidades e limitações, vivência de situações de sucesso e de frustração, motivação para atividades futuras, desenvolvimento da capacidade de resolução de problemas, entre outros. (LÓPEZ; MELO, 2002).

É imprescindível respeitar as limitações, adequando modalidades e objetivos pessoais. É preciso haver acompanhamento e muita atenção na hora de executar um movimento. É necessário respeitar todas as normas de segurança, evitando novos acidentes e o mais importante, estimular sempre o desenvolvimento da potencialidade individual. (LÓPEZ; MELO, 2002).

5.3 O ESPORTE DE RENDIMENTO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

No esporte adaptado ou não, a cobrança por resultados e rendimentos sempre existirá. A pesquisa em questão procurou trazer os benéficos que a prática desportiva traz as pessoas com deficiência, porém, não pode deixar de lado que para os atletas com deficiência física a cobrança de rendimento também pode ser geradora de estresse agravado pelos fatores psicológicos pré-existentes da própria deficiência; pois a prática esportiva pode se transformar em oportunidade para que a pessoa com deficiência possa se auto-promover demonstrando a si mesmo e à

sociedade que são sujeitos de possibilidades, e que desempenham um importante papel social, e que não são pessoas incapazes. (BRAZUNA; CASTRO, 2001).

No âmbito do esporte de alto rendimento a pessoa com deficiência pode ser afetada pelos mesmos fatores psicológicos que os demais atletas, porém, como a história de vida dessas pessoas já é marcada por essa enfermidade, as dificuldades que elas enfrentam e os motivos que as levam à prática desportiva são diferentes.

“As considerações sobre limites fisiológicos e de estresse, construídas no esporte tradicional, não devem ser literalmente transferidas ao esporte adaptado. Cada indivíduo com deficiência é uma incógnita acerca das adaptações e respostas às demandas de esforço.” (BARROS 1993 apud BRAZUNA; CASTRO, 2001).

Segundo Brazuna e Castro (2001), percebe-se que o resultado mais importante para o atleta deficiente físico é a mudança de identidade de “pessoa deficiente” para a identidade de atleta. Para eles, o importante é ser visto como um corredor, nadador, etc. Os paratletas competem contra si e contra os estereótipos construídos socialmente pelos “não-deficientes”.

Pessoas com deficiência física, na sua maioria, poderiam estar praticando algum tipo de esporte. Contudo, poucos se dedicam a uma atividade física desportiva regular. Uma das razões podem ser a dificuldade de acesso a ginásios, academias e outros locais de prática do desporto adaptado além do custo de materiais específicos (como cadeiras adaptadas para corrida, por exemplo). Junte-se a isto o baixo incentivo à prática desportiva de alto desempenho dado ao número restrito de competições paratléticas. Neste contexto, a maior fonte de motivação e incentivo à prática desportiva adaptada, geralmente, é proporcionada pela família do deficiente, que, antes de encararem como uma profissão vê o esporte como uma forma de terapia ocupacional.

“De fato, os principais motivos de iniciação no esporte são a reabilitação e a oportunidade de engajamento social. O esporte e a superação pelo mesmo renovam a percepção do atleta com deficiência física, mudando a autoestima e criando uma imagem corporal positiva.” (WHELLER et al 1999 apud BRAZUNA; CASTRO, 2001, p. 117).

Conforme Brant (2008), a exigência de bons resultados para os atletas com deficiência física é a mesma dos atletas sem deficiência no esporte de alto

rendimento. Porém, para os atletas com deficiência a auto-estima quase sempre é baixa, tornando imprescindível o acompanhamento de um profissional da psicologia do esporte.

Embora esses atletas se dediquem e se esforcem na busca de aprimoramento e manutenção no esporte, ainda é preciso atenção, tratamento e reconhecimento por parte de profissionais, governo e população em geral, para que os diferentes tipos de problemas que estes encontram sejam resolvidos. Baseado nos resultados das poucas pesquisas que surgem nesta área e o apoio da literatura, é possível desenvolver programas de treinamentos específicos para estes atletas. (BRANT, 2008).

5.4 TIPOS DE DEFICIÊNCIAS INSERIDAS NESTE TRABALHO

Pode ser classificadas da seguinte forma: causa encefálicas (acomete o sistema nervoso central), espinhal (aborda a medula cerebral), muscular (sistema muscular) e ósteo-articular (sistema esquelético e articulações). (CRESTANI, 2010).

Seguem-se algumas definições sobre as patologias relacionadas com deficiência física: Congênitas e adquiridas.

Paraplegia – Perda do controle e sensibilidades dos membros inferiores (as duas pernas), impossibilitando as funções motoras. Esse tipo de lesão situa-se ao nível da coluna dorsal ou coluna lombar, apresentando distúrbios, como: perda de sensibilidade como dor, frio, calor, tato, etc.

Tetraplegia – Quando a paralisia afeta os quatros membros (superiores e inferiores). Segundo Souza, não tem uma confirmação correta entre tetraplegia ou quadriplegia, alguns autores denominam tetraplegia, outros diagnosticam com quadriplegia, sendo citados por alguns dicionários clínicos os dois termos como sinônimos.

Amputação – De acordo com Carvalho (2003), é a perda total ou parcial um membro, sendo considerado um processo reconstrutivo de uma extremidade sem função ou com função limitada.

Paralisia Cerebral – É definida como “um grupo de distúrbios motores não mutáveis”, caracterizando alteração principalmente em tônus muscular e postura, de origem encefálica (cerebral), apresentando um sistema nervoso central em desenvolvimento, e compreende lesões geradas da fase embrionária até aos 2

anos de vida. (BORGES et al. 2005). Pode-se receber outra nomenclatura como de encefalopatia crônica não evolutiva, podendo apresentar comprometimento nas áreas, auditiva, visual, mental e da linguagem. Sendo que os maiores comprometimentos desta patologia são de ordem motora (física), pois o indivíduo apresenta um descoordenação em relação aos movimentos, causando alterações em suas posturas, comprometendo seu desenvolvimento motor normal, acarretando problemas secundários na formação (CRESTANI, 2010).

Monoplegia – Perda total das funções motoras de um só membro, podendo ser membro superior ou inferior.

Deficiência Intelectual – Segundo a Associação Americana de Deficiência Mental (AAMD) e (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), Entende-se por deficiência intelectual o funcionamento inferior a média, com a manifestação antes dos dezoito anos e limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas. (NASCIMENTO, 2009).

6 METODOLOGIA

Neste estudo buscando uma maior aproximação com o cenário da pesquisa, utilizaremos como metodologia a pesquisa de campo.

Segundo Lakatos (1996): [...] “é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”.

Nesta pesquisa o instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário que continha perguntas abertas e fechadas. Os participantes da pesquisa foram 10 atletas da Associação Judecri na modalidade de alto rendimento do atletismo.

A amostra analisada constatou que o atletismo não só pode trazer benefícios físicos, sociais, mas também econômicos, pois todos recebem bolsa derivadas dos resultados obtidos em competições de nível estadual e nacional sendo que parte deste grupo sobrevive exclusivamente do esporte.

Para tanto foi firmado com os sujeitos participantes da pesquisa um termo de consentimento, em que os mesmos autorizarão a publicação das informações. Os nomes dos entrevistados serão preservados. Também será utilizado o levantamento bibliográfico para relacionar a teoria produzida sobre o assunto com os dados obtidos. Posteriormente será realizada a análise das informações, a partir do referencial teórico.

Conforme Lakatos (1996) o questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, devendo ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Apresenta vantagens como: respostas rápidas e mais precisas, maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato, há mais uniformidade na avaliação, em virtude de ser um instrumento impessoal.

Quando desejamos colher informações sobre aspectos de um grupo grande, há a necessidade de investigar apenas uma parte dessa população. Para isso retiramos uma amostra, que é uma porção ou parcela, selecionada da população. A amostragem deste trabalho foi do tipo não probabilista, intencional, em

que o pesquisador está interessado na opinião de determinados elementos da população, mas não representativos dela, ela tem a sua validade dentro de um contexto específico. (LAKATOS, 1996).

7 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Acompanhar os dez atletas com deficiências físicas da associação da JUDECRI de Criciúma em seus treinamentos onde é realizado na pista e campo da UNESC na modalidade de atletismo. Conhecer e resgatar experiências benéficas que o esporte trouxe para cada um destes atletas.

O esporte manifesta-se de diferentes formas: o conhecido como de alto rendimento é aquele em que o atleta treina intensamente para as competições, e a prática esportiva como processo de aprendizagem, tal como a educação física escolar. Há atletas que praticam atividades de alto rendimento, com o propósito de participar de campeonatos estadual, nacional e até mesmo internacional, que compreendem a maioria das modalidades esportivas.

Para os indivíduos com deficiência nos membros inferiores que podem ficar em pé, as provas de arremesso são realizadas com regras idênticas às pessoas sem deficiência, alterando apenas o peso dos implementos de acordo com a classe, já para os atletas sem condições de fazer as provas de forma convencional, além da alteração do peso do implemento existe a possibilidade de adaptações, ou seja estes fazem as provas sentados em bancos especiais, inclusive dependendo da lesão estes devem estar amarrados para sua própria segurança.

Nas provas de pista o atleta que não tem condições de fazer as provas em pé, estes utilizam cadeiras de rodas especiais.

7.1 ENTREVISTA COM OS ATLETAS

A JUDECRI é composta por 10 atletas da modalidade atletismo, onde os mesmos (100%) participaram da pesquisa. Dentre os atletas 5 (50%) são do sexo feminino e 5 (50%) são do sexo masculino, com faixa etária entre 20 a 48 anos.

Inicialmente apresentaremos o questionário realizado com os atletas participantes da pesquisa.

De acordo com a pergunta 1 onde questionava sobre o sexo, idade e escolaridade dos atletas, obtivemos que 4 (40%) tem idade entre 20 e 29 anos e 6 (60%) tem idade que variam entre 30 a 48 anos.



Figura 1: Idade dos atletas. **Fonte:** RAMOS, 2011.

Ainda na questão 1, sobre escolaridade percebemos que 6 (60%) possui Ensino Fundamental ou Ensino Médio e 4 (40%) frequentam ou já concluíram o Curso Superior.

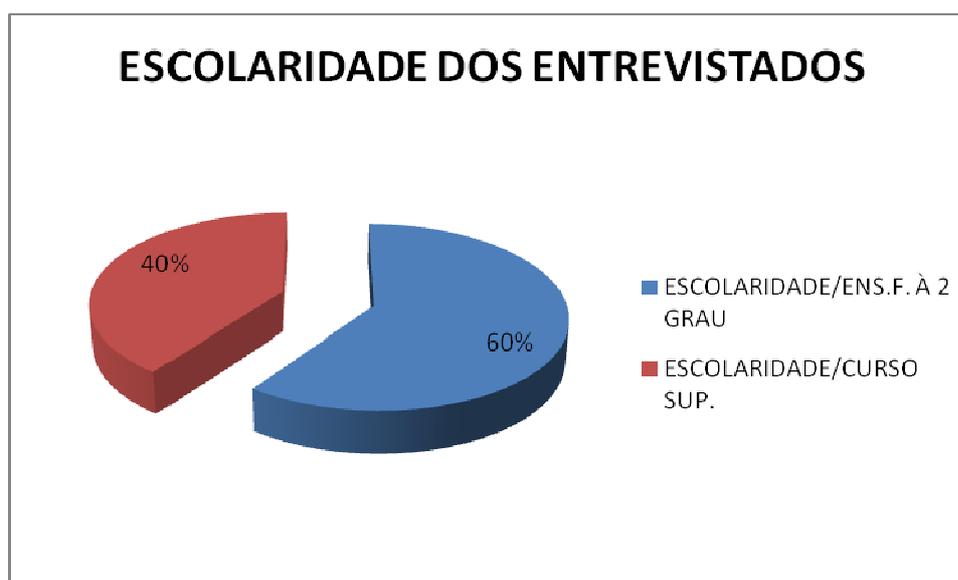


Figura 2: Escolaridade dos atletas. **Fonte:** RAMOS, 2011.

Em relação a questão 2 perguntamos de que forma se deu o primeiro contato com a modalidade e vimos que apenas 1 (10%) dos atletas havia tido contato em outra instituição e os outros 9 (90%) tiveram seu primeiro contato através da associação JUDECRI. a questão 2 perguntamos de que forma se deu o primeiro contato com a modalidade e vimos que apenas 1 (10%) dos atletas havia tido contato em outra instituição e os outros 9 (90%) tiveram seu primeiro contato através da associação JUDECRI.



Figura 3: De que forma se deu o primeiro contato com a modalidade? **Fonte:** RAMOS, 2011.

Na pergunta 3 questionou-se dos atletas se os mesmos praticaram aula de Educação Física na escola, 4 (40%) participava das aulas e 6 (60%) não teve acessibilidade a disciplina.

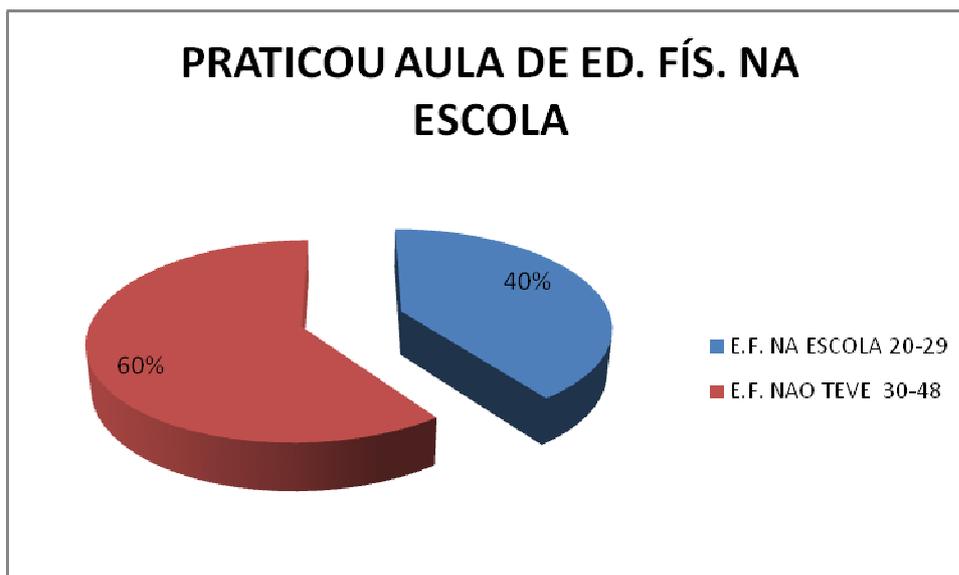


Figura 4: Praticou aula de educação física na escola? **Fonte:** RAMOS, 2011.

A questão 4 questionou qual a maior dificuldade para a prática da modalidade, 1 (10%) relatou que não tinha tempo disponível para a prática, 1 (10%) comentou a falta de profissionais qualificados, outro (10%) não tinha como se locomover para os treinos, 2 (20%) disseram que não tinha nenhuma dificuldade, e 2 (20%) tinha dificuldade financeira, 3 (30%) atletas alegou que a dificuldade era física.

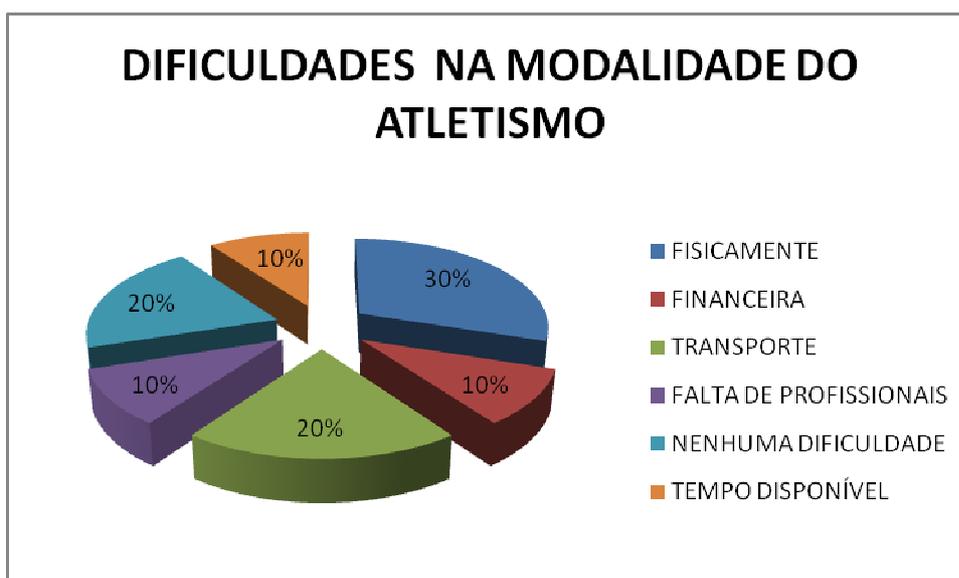


Figura 5: Qual sua maior dificuldade para a prática da modalidade? **Fonte:** RAMOS, 2011.

Sobre a questão 5 perguntamos se existem profissionais qualificados para orientá-lo nesta atividade 1 (10%) respondeu que não tem e os outros 9 (90%) estão satisfeitos com os profissionais qualificados para a modalidade.



Figura 6: Existem profissionais qualificados para orientá-lo nesta atividade? **Fonte:** RAMOS, 2011.

Quanto a questão 6 foi questionado se os atletas vêem o esporte como fonte de renda, 10 (100%) afirmaram que o esporte tem grandes chance de ser remuneráveis.



Figura 7: Você vê no esporte que pratica a chance de ter renda? **Fonte:** RAMOS, 2011.

Conforme a questão 7 foi averiguado se os atletas acham a modalidade de atletismo de fácil acesso e obtivemos que 2 (20%) acham que não e 8 (80%) acham o acesso fácil.

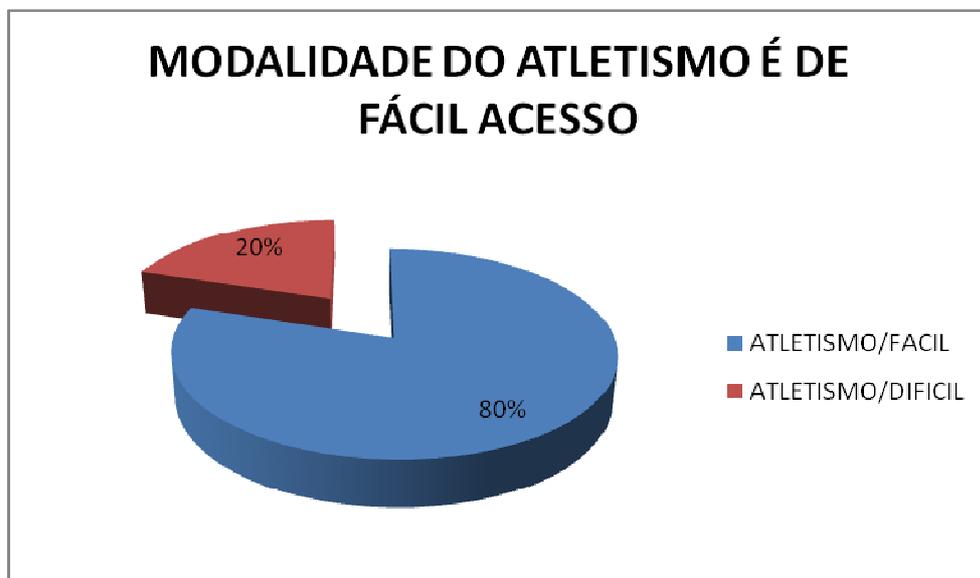


Figura 8: Você acha a modalidade de atletismo de fácil acesso? **Fonte:** RAMOS, 2011.

Referente a questão 8 e 9 as quais visam se o esporte para as pessoas com deficiência física pode ser utilizado como ferramenta para a inclusão social. Obteve-se que 1 (10%) não vê o esporte como forma de inclusão e 9 (90%) afirmam que o esporte pode ser um meio acessível para a inclusão social.



Figura 9: Você visualiza o esporte para as pessoas com deficiência como ferramenta para a inclusão social? **Fonte:** RAMOS, 2011.

Com relação a pergunta 10 investigamos sobre as deficiências dos atletas, se foram adquiridas ou congênitas. Os tipos de deficiências encontrados foram: tetraplegia, monoplegia, paraplegia, luxação do quadril, poliomielite, paralisia cerebral/intelectual, hemiplegia. Concluímos que 3 (30%) possuem deficiência congênita e 7 (70%) adquiriram.

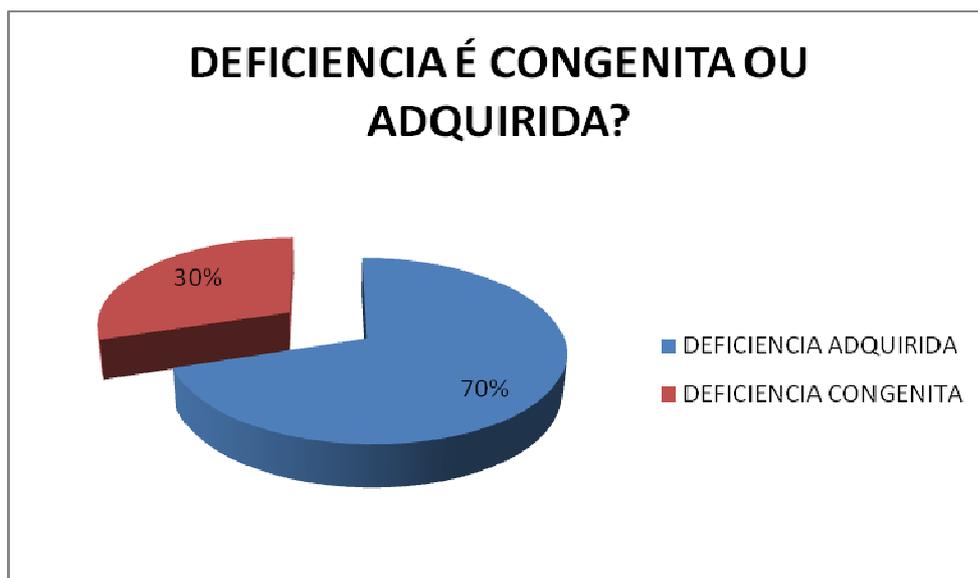


Figura 10: Qual a sua deficiência: foi adquirida ou é congênita? **Fonte:** RAMOS, 2011.

Através da questão 11 verificou se o local onde eles praticam o treinamento é adequado a prática do paradesporto e 4 (40%) acham que o local é adequado e 6 (60%) acreditam que o local não é adequado para o treinamento propriamente dito.

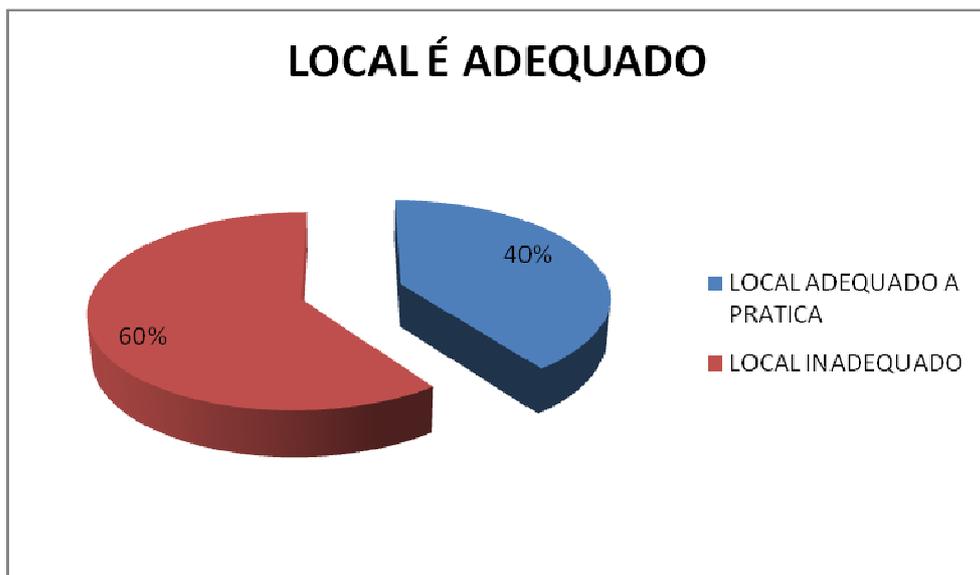


Figura 11: O local de treinamento e os equipamentos utilizados são adequados a prática do paradesporto? **Fonte:** RAMOS, 2011.

Ainda na questão 11 sobre os equipamentos utilizados abordou se são ou não adequados para a prática da modalidade do atletismo. 4 (40%) afirmam que os equipamentos não são adequados a prática dos treinos e 6 (60%) acham que os equipamentos são apropriados para a prática do atletismo.

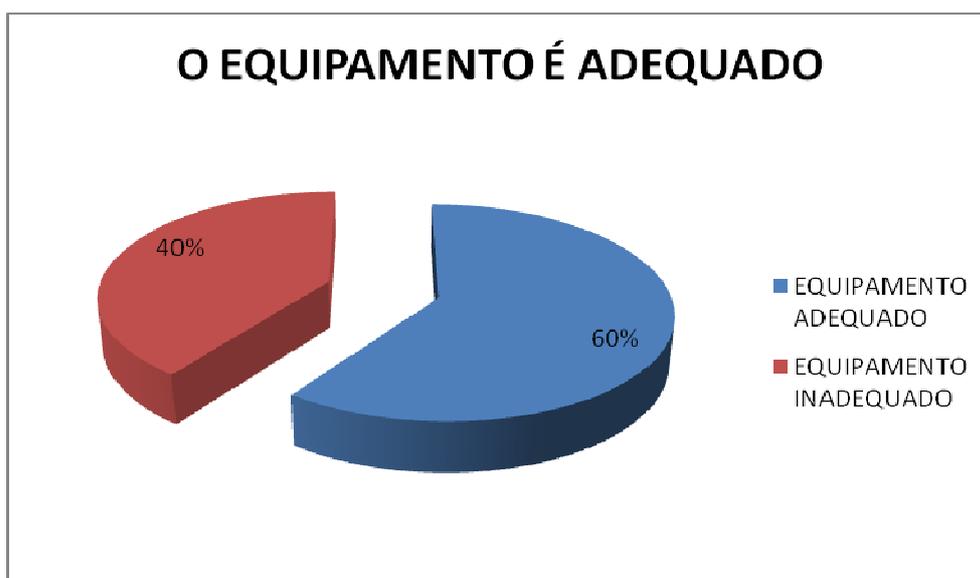


Figura 12: O local de treinamento e os equipamentos utilizados são adequados a prática do paradesporto? **Fonte:** RAMOS, 2011.

A questão 12 foi questionado aos entrevistados quais os benefícios que o esporte proporcionou para eles. 5 (50%) relataram que o esporte beneficiou na melhora da qualidade de vida, 2 (20%) são tem ajuda financeira, outros 1 (10%) reiniciaram os estudos, 1 (10%) beneficiaram nas atividades diárias e 1 (10%) fisicamente.

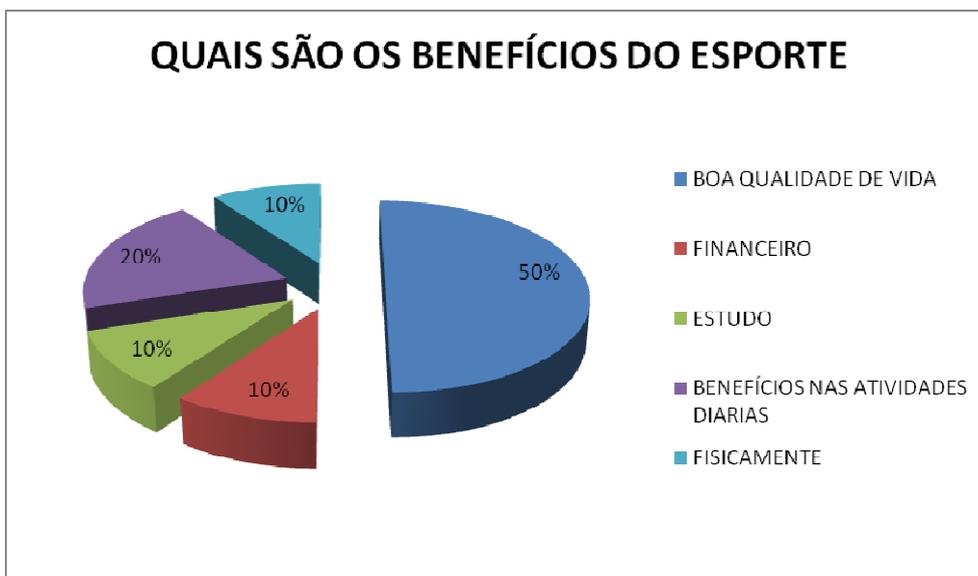


Figura 13: Quais foram os benefícios que o esporte proporcionou a você? **Fonte:** RAMOS, 2011

8 CONCLUSÃO

O atletismo é uma modalidade de fácil acesso em que os participantes são capazes de praticar o esporte independente das limitações físicas impostas pela deficiência e também das barreiras postas pela sociedade. Observa-se que os resultados foram positivos e significativos tanto na melhora da qualidade de vida quanto na vida social e econômica.

Conforme as análises dos gráficos, os atletas entrevistados 60% eram de idade entre 30 a 40 anos e 40% eram na faixa de 20 a 29 anos de idade. Sendo que muitos tiveram contato com a modalidade através da Associação, ficando nítido que a educação física na escola não teve influencia na escolha, diferente dos dias atuais, onde as pessoas com deficiências físicas estão tendo uma participação maior nas aulas de educação física, porque a ideologia higienista imposta nos governos militares não proporcionava a participação em aulas de Educação Física, até porque o modelo ideal vigente era do ser humano alto, forte, pele clara e desta forma acreditava-se que os deficientes eram incapazes de praticar atividades físicas.

Em relação à escolaridade, 60% dos entrevistados têm curso superior ou estão cursando, relatando que o esporte ajudou a reiniciar ou continuar os estudos para ter uma boa qualificação, verificando-se desta forma o esporte como ferramenta para inclusão social. 50% dos entrevistados relatam que iniciaram as atividades esportivas com propósito de melhoria na qualidade de vida e a conseguiram através da preparação física facilidades nas atividades de vida diária, isso enfatiza que atividade física ajuda no condicionamento físico dessas pessoas.

Indagados sobre a qualificação de profissionais na área de treinamento paradesportivo, A maioria estão satisfeitos em ter profissionais qualificados na área. Constatou-se que todos recebem salários remunerados através do esporte. Alguns têm salários mais altos dependendo do desempenho e alto rendimento do atleta, sendo que o esforço é muito grande para sobreviver do esporte, pois os treinos são diários e algumas dificuldades são apontadas. Outros apontam a condição física como maior empecilho, já atletas relataram que há dificuldade de locomoção e os meios de transportes, condições financeiras e tempo disponível. Porém teve o lado

positivo em não ter nenhuma dificuldade. Mediante o local onde são realizados os treinamentos a maioria dos atletas respondeu que o local é inadequado a prática da modalidade. Apesar das dificuldades encontradas na estrutura física para os treinos ainda há superação de resultados, sendo que a persistência está em primeiro lugar superando seus próprios limites, sendo que eles já estão acostumados com a falta de acessibilidade, mas isto não os impede de lutar pelos seus ideais atingindo com muito brilho em muitas cidades brasileiras e também países.

Diante da discussão e apresentação dos dados coletados, concluímos que o esporte é sem dúvidas um caminho para melhoria na qualidade de vida das pessoas com deficiência, e trás benefícios de forma física, moral, social e cultural. Noutro viés, verificamos a quase insistência de apoio financeiro para a manutenção do projeto esportivo da Associação, ficando a continuidade a mercê da vontade de alguns abnegados que torcem pelo paradesporto e não medem esforços para manter viva a esperança que dias melhores virão e as pessoas com deficiência serão tratadas de forma igualitária e terão as mesmas oportunidades sem distinção.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Júlio Gavião de; CARVALHO, Artur José Squarisi de; MATSUI, Regina; OLIVEIRA FILHO, Ciro Winckler de. **A iniciação no atletismo para pessoas cegas e com baixa visão**. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 10 - N° 75 - Agosto de 2004. Acessado em 22 de Setembro de 2011.

BORGES et al, Fisioterapia: **Aspéctos clínicos e práticos da reabilitação**. Ed. Artes Médicas, São Paulo, 2005.

BRANT, Ricardo. **A psicologia do esporte aplicada a atletas portadores de necessidades especiais: reflexões epistemológicas, filosóficas e práticas**. *EF Deportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, Ano 13, n. 121, 2008. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd121/a-psicologia-do-esporte-atletas-portadores-de-necessidades-especiais.htm>. Acessado em: 30 de Agosto de 2011.

BRAZUNA, R.M; CASTRO M.E. **A Trajetória do Atleta Portador de Deficiência Física no Esporte Adaptado de Rendimento**. Uma Revisão da Literatura. *Motriz, Jul-Dez 7, 2 ed. p. 115- 123*. Disponível em: <http://www.asdef.com.br/innova/assets/artigos/turismo004.pdf>. Acessado em 22 de Setembro de 2011.

CAMARGO, Roberto Junqueira da; SILVA, Ferreira da. **Atletismo Corridas**. Ed. Ouro. Rio de Janeiro, 1978.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Presidência da República-Casa Civil: Subchefia para Assuntos Jurídicos / Lei n 7.853**. Brasília, 1999. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3298.htm. Acessado em: 30 de Agosto de 2011.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO. **Atletismo: regras oficiais 2003**. 2.ed. Ver. São Paulo: Phorte, 2003. 212p.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO: **Regras Oficiais do Atletismo** Ed. Grupo Palestra Sport. Rio de Janeiro, 1989.

CPB – **Comitê Paraolímpico Brasileiro**. Disponível em: www.cpb.org.br. Acessado em 13 de Setembro de 2011.

CRESTANI, Rosa Mara da Silva. **Deficiência Física: Fundamentos e Metodologias**. Ed. Grupo Uniasselvi. Blumenau, 2010.

GONÇALVES, Gilberto – **História do Atletismo**, Trabalhos Escolares Prontos. Disponível em <http://www.coladaweb.com>: acessado em 23/07/2011.

GORGATTI, Márcia Greguol; COSTA, Roberto Fernandes da. **Atividade adaptada: Qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. 2º Ed. Ver. E ampl. Barueri, SP: Manoele, 2008. P. 660.

GUGEL, Maria Aparecida. **Pessoa com Deficiência e o Direito ao Concurso Público**. Goiânia: Editora UCG, 2006.

JUDECRI – **Associação dos Deficientes Físicos de Criciúma**. Disponível em: www.judecri.com.br. Acessado em 13 de Setembro de 2011.

KIRSCH, August. **Atletismo: metodologia para iniciação em escolas e clubes / August Kirsch**, Ed. Ubirajara Oro. Rio de Janeiro, V.01, 1983.

LABRONICI, Rita Helena Duarte Dias; CUNHA, Marcia Cristina Bauer; OLIVEIRA, Acary de Souza Bulle; GABBAI, Alberto Alain. **Esporte como fator de integração do deficiente na sociedade**. Arq Neuropsiquiatr 2000;58(4). p. 1092-1099. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/0D/anp/v58n4/3406.pdf>. Acessado em: 20 de Outubro de 2011.

LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996, 3ed.

MATTHIESEN, Sara Quenzer. **Atletismo: Teoria Prática**. Rio de Janeiro: Ed.Guanabara Koongan, 2007.

MELO, A; LÓPEZ, R. **O esporte Adaptado**. *Revista Digital* - Buenos Aires - Ano 9 - N°51, Novembro 2002.

Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd51/esporte.htm>. Acessado em: 20 de Outubro de 2011.

MULLER, HARALD; RITZDORF, WOLFGANG. **Correr, Saltar, lançar: guia IAAF do Ensino do Atletismo**. Ed. C.R.D. Lisboa/Portugal. 2002.

NASCIMENTO, Márcia M. **Inclusão Social: Primeiros passos**. Arujá, SP: Ed. Giracor, 2009.

OLIVEIRA, Lucio Carlos Dias; JUNIOR, José Amadeu Barroso Oliveira. **Educação Física e Desenvolvimento Sociocultural**. Belo Horizonte. 2007. Disponível em: www.fd.unl.pt/docentes_docs/ma/jmm_MA_8231.pdf. Acessado em 29 de Setembro de 2011.

ROSADAS, Sidinei de Carvalho. **Educação Física Para Deficiente: Fundamentos da Aplicabilidade de Programa Sensórios Motores em Deficientes**, 2º ed. Rio de Janeiro, atheneu, 2005.

SILVA, Maurício. **Autoridade e Cidadania**.

Disponível em: www.evirt.com.br/artigos.htm. Acessado em 17 de Outubro de 2011.

SOUSA, Américo Pedro. **O Esporte na Paraplegia e Tetraplegia**. Ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 1994.

APÊNDICE

ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA OS ATLETAS

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – BACHARELADO

Sou Shirley Ramos, acadêmica do Curso de Educação Física – bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC e solicito a gentileza de responder o questionário abaixo discriminado, pois trata-se de um trabalho de conclusão de curso, cujo tema é: BENEFÍCIOS PROMOVIDOS PELO ATLETISMO PARA ATLETAS DA ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES FÍSICOS DE CRICIÚMA – JUDECRI, sendo que sua identidade será preservada e os dados serão utilizados exclusivamente com fins acadêmicos.

Antecipadamente, agradeço sua atenção.

1 – Sexo

() masculino

() feminino

a) Idade _____

b) Escolaridade _____

2- de que forma se deu o primeiro contato com a modalidade?

3 – Praticou aula de educação física na escola?

4 – Qual sua maior dificuldade para a prática da modalidade?

5 – Existem profissionais qualificados para orientá-lo nesta atividade?

6 – Você vê no esporte que pratica a chance de ter renda?

7 - Você acha a modalidade de atletismo de fácil acesso?

8 - Você visualiza o esporte para as pessoas com deficiência como ferramenta para a inclusão social?

9 – O esporte facilitou sua vida no sentido de encarar o preconceito e/ou discriminação?

10 – Qual a sua deficiência: foi adquirida ou é congênita?

11 – O local de treinamento e os equipamentos utilizados são adequados a prática do paradesporto?

12 – Quais foram os benefícios que o esporte proporcionou a você?
